

# APERCEBENÇAS E ERRÂNCIAS URBANAS: PISTAS PARA SUPORTAR UM CORPO-CIDADE

■ ALEXANDRE JORGE NOBRE SILVA FILHO

 <https://orcid.org/0009-0008-3915-5129>

Universidade Federal de Alagoas

■ LÁZARO BATISTA

 <https://orcid.org/0000-0002-3224-411X>

Universidade Federal de Alagoas

■ ELTON SILVA RIBEIRO

 <https://orcid.org/0009-0000-7511-2996>

Universidade Federal de Fluminense

## RESUMO

Trata-se de texto que busca articular algumas pistas a respeito daquilo que pode ensejar a experimentação humana com o espaço urbano contemporâneo. Tomando como ponto de partida o contexto de profundo incremento da especulação imobiliária em Maceió, capital de Alagoas, aposta-se que esses diversos modos de operar enunciam suportes e o que pode ser suportado por nossos corpos na relação com a cidade. Como indicativo disso, aposta-se nas errâncias e apercebenças urbanas como operações cotidianas que permitem constituir nos territórios, modos de vida e subjetividades com e nos quais nos encontramos.

**Palavras-chave:** Cidade. Corpo. Subjetividade

## ABSTRACT

### GLIMPSES AND URBAN ERRANCY: CLUES TO SUPPORT A CITY-BODY

This paper seeks to articulate some clues about what can give rise to human experimentation with contemporary urban space. Taking as a starting point the context of profound increase in real estate speculation in Maceió, capital of the state of Alagoas, it is bet that these various ways of operating enunciate the supports and what can be supported by our bodies in this relationship. As an indication of this, we bet on urban wanders and perceptions as daily modes that allow to constitute us in the territories, ways of life and subjectivities with and in which we situate ourselves.

**Keywords:** City. Body. Subjectivity

## RESUMEN **VISLUMBRES Y ERRORES URBANO: PISTAS PARA SOPORTAR UNA CIUDAD-CUERPO**

Este artículo busca articular algunas pistas sobre lo que puede dar lugar a la experimentación humana con el espacio urbano contemporáneo. Tomando como punto de partida el contexto de profundo aumento de la especulación inmobiliaria en Maceió, capital del estado de Alagoas, se apuesta que estas diversas formas de operar enuncien los soportes y lo que nuestros cuerpos pueden soportar en esta relación. Como muestra de ello, apostamos por los paseos y las percepciones urbanas como modos cotidianos que permiten constituirnos en los territorios, modos de vida y subjetividades con y en los que nos situamos.

**Palabras clave:** Ciudad. Cuerpo. Subjetividad.

### Suportar

O corpo é sempre suportado (ou não suportado) por tecnologias, estruturas, instituições, uma variedade de outros tanto pessoal quanto impessoalmente relacionados, processos orgânicos e vitais, para mencionar apenas algumas das condições de emergência. Esses suportes não são simplesmente estruturas passivas. Um suporte precisa *suportar*, e assim precisa tanto ser quanto agir. Um suporte não pode suportar sem que suporte *alguma coisa*, por isso ele é definido como relacional e agente. Assim, a retransmissão transitiva da agência tem de ser entendida como acontecendo em algum lugar nessa zona em que suportes já estão agindo em um corpo com vários graus de sucesso e fracasso, agindo em um campo localizado de impressionabilidade para o qual a distinção entre passividade e atividade não é tão estável, nem pode ser. Atuado, animado e agindo; endereçado, animado e endereçando; tocado, animado e agora sentindo. (Butler, 2021, p. 33-34)

Um corpo movimenta-se penosamente por entre escombros urbanos. Move-se e, ao fazê-lo, reverbera em si o tremor de passos forjados sobre detritos. Tropicada em meio aos restos dos dias e noites de uma cidade brasileira. Vê-se envolto por cascalhos de mariscos, por anúncios festivos nas redes sociais,

por placas de compra e venda, por notícias de desastres ambientais e por fuligem de fumaça de trator. Elas inundam uma cidade, avançando sempre um pouco. Não qualquer urbe. Paradoxalmente, uma cidade alagadiça porque porosa, encharcada porque densa. Enquanto se movimenta, o corpo percebe que todo esse rebotalho se mistura com outros lixos do dia, frequente e inadvertidamente lançado sobre suas praias. Movimenta-se, transita, transporta, suporta, portanto. O chorume do cotidiano urbano é, assim, condimentado com o sal marinho. De modo esdrúxulo, toda essa mistura é tornada um convite ao consumo da cidade: suas belezas, excentricidades, sabores. Lugar paradisíaco e principal destino turístico brasileiro fazem-se itens esganiçados desse menu urbano: “Maceió é massa”, dizem eles<sup>1</sup>.

1 De acordo com os dados da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo, considerados os embarques aéreos e a venda de pacotes turísticos. Maceió é, atualmente, o destino turístico preferido nacionalmente (Prefeitura de Maceió, 2023). Parte desse aumento de interesse pela região, vincula-se a um forte incremento de gestores em propaganda e melhora de serviços, dentre os quais se insere a criação do bordão “Maceió é massa!”, com a criação e veiculação de lugares e imagens da cidade qualificadas como ‘instagramáveis’ (#maceióemassa, 2023).

Chorume e publicidade fazem o corpo tragado pelo rebotalho ter vertigens. Inundado por outras histórias do lugar, essa sua empiria movente o faz cambalear. Seu corpo treme, ao enxergar nas imagens de progresso e desenvolvimento urbano toda uma putrefata mercantilização que toma de assalto modos de vida tradicionais, jeitos de sentir e experimentar<sup>2</sup> a cidade como algo tangível à espetacularização midiática ou à especulação imobiliária. Agita-se ao se dar conta, estupefato, de que ondas, peixes e outros seres que se escondem no além-mar, sentem na boca certo amargo com toda essa verborragia especulativa.

Quase sem poder haver-se com a pesaroisa vertigem que o acomete diante da barbárie travestida de progresso, movimenta-se. Treme ao caminhar para sentir e imaginar. É por tremer que caminha. Sem poder tolerar todo o amontoado de experiências que atravessam e abalam cada parte de sua estrutura, desmorona em fragmentos que o impelem a se reposicionar em uma outra configuração de si. O corpo em frangalhos faz dos fragmentos pistas que auxiliam na compreensão do que se passa na cidade. Faz, com a narração de algumas de suas passagens, a tentativa de politizar alguns encontros e acontecimentos – solidários ou agressivos; articuladores ou controladores das paisagens e seres com os quais compartilha seu existir. O que suporta o corpo nessa sua imersão são pistas éticas, estéticas, políticas e poéticas, interpostas como provocação às formas de se subjetivar na cidade. Provocações de um corpo que, enfim, perquire: como suportar, nesse cotidiano urbano, um plano de

2 Jorge Larrosa recorre à etimologia do termo latim *experiri*, provar (experimentar) e às definições que lhe dão as principais línguas latinas para chegar à definição geral de experiência como “aquilo que nos passa, o que acontece, ou que nos toca” (Larrosa, 2014, p. 18). Desta feita, as referências à experimentação urbana aqui referidas definem-se como sendo, antes de tudo, um encontro ou uma relação com algo que se prova e, conjuntamente, modifica-se e nos modifica.

experimentação que não nos afogue em meio a tanto lixo?

## Maceió é massa?!

Antes de nos propormos a responder tais questões, é necessário indicar pormenorizadamente a crítica. Falamos de Maceió, capital do estado de Alagoas, uma cidade lacustre e tabuleira. Em seu lado costeiro, é lambida pelas águas salobras da lagoa Mundaú e do mar atlântico, cuja porosidade do solo enverdeja a paisagem com pontos de mangues e coqueiros. A essa parte alagada, contrapõe-se outra, espreada sobre as encostas de grotas e elevações tabuleiras de densidade massapê por onde escorrem rios de chuva encharcando ruas, calçadas, casas. É, pois, uma cidade de altos e baixos, persistentemente ventilada pela brisa oceânica. É nesse alagadiço lacustre que se esparramam os primeiros núcleos de colonização na cidade, entorno de engenhos de açúcar, de sobrenomes, de Banguês, espalhando-se por várzeas e encostas férteis em forma de monocultura açucareira intensamente vinculada ao centro do poder real (Mello, 2014; Diégues Júnior, 2012).

Cidade forjada a partir de um processo histórico concentrador de capital em espaços específicos, cuja expressão contemporânea se dá por meio da ocupação heterogênea e desigual do território nos parâmetros da estrutura capitalista, consumista (Alencar, 2007). Entre os Banguês e suas substitutas no progresso durante o século XX, as usinas de açúcar, há a imagem de uma cidade que desloca seu olhar da Mundaú para o oceano, cuja representação *high tech* é a corrida à beira-mar: seja de incorporadoras imobiliárias, seja de mineradoras a tentarem escapar do afundamento de comunidades, seja de banhistas a exercitarem corpos que optam por não ouvir nem o mar, nem as ruas. Se as praias são a imagem do cartão-postal turístico da cidade, o tabuleiro é seu verso.

De um sentido a outro, para quem transita entre o segmento lacustre e o tabuleiro, há apenas duas linhas retilíneas cortantes de grande fluxo na cidade. A principal delas, carrega o nome do promotor do Quebra de Xangô, denominação dada à pavorosa noite de 1º de fevereiro de 1912, quando as praias e tabuleiros da cidade assistiram a intolerância religiosa, com prisões de mães e pais de santo, perseguição e destruição de terreiros de candomblé, umbanda e outros cultos. (Rafael, 2010).

Quase que perseguindo essa herança maldita, as mesmas promessas de progresso que motivaram a intolerância religiosa de outrora se atualizam nos corpos-almas da cidade. Tal qual a tentativa de silenciamento daqueles que faziam das ruas e vielas lugar de encantamento, as promessas de agora soterram existências, apinham as ruas de automóveis, instituem o obsoleto: a Braskem passou por aqui!<sup>3</sup> Ou ainda, no recente gesto de eleitores que majoritariamente manifestaram o desejo de eleição do racismo, do pedantismo, do horror e do neoliberalismo profascista tropical.

Nessa visada, a cidade “massa” transpõe o rescaldo de todos esses eventos abomináveis. Obscuros dias que indicam a celebração da morte e da barbárie transfiguradas em ima-

gens de um futuro idílico e salvacionista; mas que comporta paradoxalmente sua semente dialética no antiquado (Benjamin, 2012a).

Contra a obviedade da cidade turística, representada como destino ideal, uma outra Maceió “massa” de viver reconhece-se fora do rastro retilíneo e do tráfego pesado da via principal. Ali, quase some o ordenamento urbano e cintilam outros jeitos de viver e de se fazer vivo, com caminhos desviantes e desobedientes urbanos que se espriam nos botecos, matas frescas, praias ensolaradas, feiras públicas e grotas maceioenses.

Essa breve contextualização da capital alagoana nos encaminha a uma perspectiva contundentemente crítica, a qual efetua a denúncia das formas com que o modelo neoliberal de cidade executa uma financeirização excessiva, a despeito das pessoas (Rolnik, 2019). No contexto maceioense, ela se apresenta – dentre outras coisas – por meio da especulação imobiliária, cuja dinâmica marginaliza e vulnerabiliza pessoas e espaços, produz apagamentos e silenciamentos. Essa especulação, como prática política contemporânea de intensificação à construção de uma cidade neoliberal, parece carregar como essência uma perspectiva hegemônica, em que a novidade padronizada e, por vezes, excludente, surge em prejuízo ao passado, à memória, aos afetos, cuja substituição aparece como uma conduta previsível.

Por ela, portanto, reconhece-se no presente da “cidade massa” uma lógica neoliberal enquanto linguagem comum, enquanto forma de governamentalidade e diagrama de forças que comporta a tentativa de unidimensionalidade das subjetividades, buscando reduzi-la a uma única capacidade consumidora (Foucault, 2022).

Buyng-Chul Han (2022) e Santos (2014) indicam que essa condição é acentuada por um pensamento globalizado o qual toma por premissa a tudo fazer cambiável, comparável:

3 Em meados de 2018, após sucessivos episódios de abalo sísmicos, diversas rachaduras surgiram em residências, prédios comerciais e ruas no bairro do Pinheiro, em Maceió. Embora houvesse suspeita de que esses eventos tivessem relação com a extração de sal gema pela mineradora Braskem, num primeiro momento, a empresa – que explora a região desde a Ditadura Civil Militar – negou ser responsável pelo ocorrido. Em 2019, no entanto, as rachaduras já haviam atingido os bairros vizinhos do Mutange, Bebedouro e Bom Parto. Isso forçou a empresa ao reconhecimento da extração predatória e à paralisação da mineração. Os danos, no entanto, já eram catastróficos, com a necessidade de desocupação de 14,5 mil imóveis localizados nos bairros atingidos. Posteriormente, a empresa foi responsabilizada pelo crime ocorrido. Esse é considerado o maior desastre ambiental urbano do mundo, impactando severamente sobre a ocupação do espaço urbano da capital de Alagoas, as relações político-econômicas locais e produzindo efeitos afetivos, emocionais, psíquicos e sociopolíticos incontornáveis.

igual. Perversa e violentamente positivada, essa mundialização produz um esvaziamento de sentido nas relações. Inibe, portanto, a singularidade, a particularidade, o outro, entendendo-os como entraves à livre circulação do capital e da informação. E é nesse contexto que se constitui o espaço da cidade, no qual a vida ocorre.

Assim sendo, numa contemporaneidade permeada por essas características, em que as práticas do consumismo estimulam a reprodução do igual por meio de mercadorias como objeto de consumo, a exclusão de grupos sociais ocorre no espaço urbano por intermédio, também, de “discursos totalizantes”, cuja dinâmica desqualificadora tem como efeito a vulnerabilização e a estigmatização desses territórios, por vezes, pelo próprio Estado (Hüning; Cabral; Ribeiro, 2019). São nesses lugares territorialmente vulnerabilizados, e potencialmente lucrativos, que ocorre o exercício especulativo sobre o espaço urbano. As camadas do tempo impressas nesse espaço, portadoras das narrativas, das passagens, da presença da ancestralidade, cedem lugar, conseqüentemente, ao descarte esperado do conjunto de elementos externos de uma sociedade fixada no presente e no consumo.

Abundância e escassez atrelam este consumidor de novas subjetividades ao desprezo da inconclusividade da história. Objetos, modos de existência, desejos farão parte do lixo urbano no qual as coisas fenecem antes de morrer ou viver. Para os limites das cidades visíveis, as formas de objetos ou das almas desprezam o desenho intempestivo do tempo. (Rodrigues; Baptista, 2010).

Dessa maneira, é fundamental reconhecer que essa expressão “renovada” do capitalismo figura como manifestação de uma dinâmica colonialista da modernidade ocidental. Ou seja, a especulação imobiliária como força expulsiva e suplantadora de comunidades parece sur-

gir, pois, como permanência, como perigo de um passado colonial de domínio exploratório e extrativista relampejante no presente.

O espaço-cidade moderno comparece na percepção da Maceió massa, portanto, a partir de instrumentos de domínio como o ordenamento territorial, o planejamento urbano e a privatização de espaços públicos em proveito de fluxos mercadológicos de produção. Também como produção de quadros de reconhecimento e representação que invisibilizam experiências, saberes, formas de viver, cosmovisões singulares (Quijano, 1992).

Essas constatações, todavia, nos dizem pouco, se nos prendemos a perceber nelas apenas a trágica barbárie que as promessas de paraíso nunca deram conta de fazer valer à cidade. Como já bem pontuava o literato italiano Ítalo Calvino, não é suficiente nos resignarmos, tornando-nos parte desta construção até o ponto de sequer percebê-la. É tão ou mais importante, “tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço” (Calvino, 1990, p. 150).

Nesse sentido, junto à crítica da massificação das possibilidades de experimentação urbana, é necessário também ampliar nossa percepção e senti-pensar por meio dos fragmentos, narrativas, afetos, memórias e imagens das repercussões da especulação imobiliária no cotidiano das pessoas. Ou seja, daquilo que é regurgitado por aquele fluxo avassalador da especulação. Aquilo que se fez e faz insistente e cotidianamente vivo a partir do mangue, das encostas, do tabuleiro, do batuque silencioso, da ocupação da avenida fatigante, do *pixo* nos muros, da comunidade como sentido no cotidiano da vida. Referidas à noção de pertencimento com o espaço, aos vínculos afetivos (des)enlaçados nesses territórios.

Produzir esses espaços no cotidiano urbano atravessado pela especulação imobiliária apresenta-se como caminho para interpelar

quais processos de subjetivação, modos de existir e formas de resistências se articulam no entremeio de diferentes jeitos de experimentar a cidade. Uma perspectiva que, contra a rendição da experiência com a cidade, tensiona o cotidiano urbano como lugar de expressão de modos de existir, de ser, de pertencer, como lugar de fricções entre dinâmicas de resistência e formas que tentam se estabelecer. Tomando o cotidiano como potência angular contra a força desse vento, que imagens e ocasiões podem nos dar pistas de possibilidade de reinvenção contrária a toda a fúria advinda daquele especulado paraíso?

## Esgarçar

Quanto e o que pode suportar o corpo no encontro com a cidade e com aquilo que se quer fazer com ela? Walter Benjamin (2013), filósofo e empirista da vida, nos ensina que, na lida com o dia a dia urbano, nosso corpo pode constituir-se como o próprio suporte daquilo que é experimentado. Contrapondo-se à ideia de conhecer a cidade a partir de uma visada panorâmica ou externa – tal qual um aviador que a sobrevoe, o filósofo acredita que é no jogo sensível e tátil com ruas, becos, areia e sal que suportamos a experiência urbana.

Vista do alto e de longe, a experimentação da cidade não distingue cores, cheiros, dores. A sinuosidade das ruas é reduzida ao contorno que seu desenho aéreo compõe e seu fervor é apaziguado no silêncio de um mapa equidistante. Noutra direção, suportar o encontro com a cidade a partir da empiria do corpo é sentir e experimentar “o seu poder e o modo como ela, a cada curva, faz saltar do terreno plano (que para o aviador é apenas a extensão da planície) objetos distantes, miradouros, clareiras, perspectivas...” (Benjamin, 2013, p. 14).

Óbvio que essa empiria urbana não é de todo ou frequentemente aprazível ou apazi-

guadora. É incorrer no risco de se esgarçar ou mesmo lesar o corpo, “revirando-nos do avesso, em uma experiência que flerta com a loucura em sua dimensão criativa e produtora de mais mundos” (Paulon, 2017, p. 783).

Um exemplar disso podemos encontrar na histórica imagem do “Rebelde Desconhecido de Tiananmen”, personagem que entrou para a história por não mais suportar a violência militar cometida pelo governo comunista chinês, pondo-se insanamente irreduzível diante dos tanques de guerra que almejavam avançar contra estudantes na Praça da Paz Celestial, em Pequim, no final dos anos de 1980. Para a história, fica a lembrança do frágil corpo oriental que, como um gesto tresloucado, não cede ao peso descomunal das forças que poderiam simplesmente trucidá-lo.

Longe da extinta Praça da Paz Celestial e próximo do especulado paraíso terreno, outros corpos rebeldes e enamorados daquela aparente loucura apareceram também nas beiradas de Maceió<sup>4</sup>. Imagens de sua presença circularam recentemente por entre aplicativos e páginas sociais locais. Diferente do anônimo chinês, as imagens não lhes reservam anonimato. Eram moradores, pescadores e banhistas do bairro da Garça Torta, no Litoral Norte. Tal qual o jovem mandarim, seus corpos humanos também se lançam ao enfrentamento de um corpo metal acostumado a matar. No caso, não um tanque, mas uma retroescavadeira contratada para aterrar o riacho e o manguezal que dão nome e caracterizam a região.

Fumaça e cheiro de óleo irrompem do corpo-máquina, impregnando a comunidade do ferroso gosto do progresso que almeja soterrar aqueles que o atrapalham: lagoas da chuva,

4 Os eventos aqui narrados deram-se no final de julho de 2023 e foram amplamente divulgados nas redes sociais e na mídia locais. Como desdobramento das denúncias e ação dos moradores e banhistas, o poder público foi acionado e houve a determinação de paralisação qualquer intervenção no manguezal nem o fechamento do leito do rio (Oliveira, 2023).

caranguejos e ribeirinhos. Barulho de engrenagens e carburadores anunciam o soterramento da vida para dar passagem exclusiva para os ilustres moradores do condomínio de luxo estabelecido na redondeza. A encomenda de aterramento tem nome e sobrenomes também, embora seus responsáveis diretos possam ficar protegidos no anonimato de vidros, cercas e janelas fechadas. De lá, óleo, barulho, fumaça e destruição não incomodam os sentidos. Não é necessário suportar, no corpo, seus efeitos.

Pode-se mesmo ignorar o fato de que aquilo que enxergam como problema é consequência da sua presença ali, já que foi a construção do condomínio de luxo sobre o mangue que tornou a circulação das águas uma missão quase impossível à natureza.

Já os corpos daqueles que precisam do riacho, do mangue e da praia para suportar a vida, ao avistarem o movimento dos tratores removendo os bancos de areia para aterrar o riacho e formar um 'paredão' no mangue, não se renderam ao esgotamento diante do tamanho das casas fechadas e das ferragens expostas. Primeiro, se puseram a registrar o ocorrido, como que fazendo de aparelhos celulares e perfis pessoais arquivos memorialísticos daquilo que a especulação imobiliária almeja para o bairro. Depois, tal qual o gesto do militante na praça, resolveram se interpor entre o riacho e os tratores. Sentados nos sulcos produzidos pelo maquinário, decidiram fazer de sua condição impassível suporte trincheiro contra a devastação.

Lançados à experimentação da resistência na própria pele, não se fizeram militantes tristes. Ao movimento de denúncia e recusa à aceitação do soterramento da foz do riacho, os corpos se encheram da fúria alegre com rodas de capoeira, danças pros orixás das matas e águas e pressão das autoridades. Abriram com seus corpos frestas por onde

a água e a vida comunitária pudessem fruir, apesar dos tratores.

Ao questionamento acerca do que podemos suportar no encontro com a cidade, respondem com a leveza ensinada pela ginga de seus rodopios, leitões d'água e orixás. Os corpos suportam-se uns ao outros porque se amalgamam em torno de um comum. Suportam, sem a pretensão de heroísmos, a força maquinal de tecnologias aterradoras que desrespeitam o singular e que pretendem apagar os rastros de histórias ainda não contadas. Tais tecnologias, em nome do progresso e da qualidade de vida, se presentificam ali em mais de cinco toneladas de ferro, acrescidas de pneus, motor e duas caçambas destinadas a cavar, a soterrar, mudando fluxos e descartando existências. Aqueles corpos frágeis, diante de retrocessos e retroescavadeiras, intentam mais uma vez frear o apagamento daquilo que a barbárie do progresso não suporta.

A Garça Torta, chão sobre o qual tais corpos suportam-se, tornou-se o especulado paraíso do capitalismo. Bairro costeiro ao norte de Maceió, é margeado por águas tépidas marítimas perpassantes por histórias de quem lá vive, atravessado por um riacho de mesmo nome, emaranhado pelo manguezal, embalado pelo marulhar de ondas que se chocam contra as canoas e se findam nas areias da praia. A pesca, assim, é um jeito: de perceber a natureza, de sobrevivência, de vida. Há pelo menos duas imagens contrastantes entre si na Garça: a do Morada da Garça, condomínio sob o qual o manguezal soterrado busca respirar por entre a porosidade de blocos acinzentados de casas modernas em lajes planas e platibandas; e a da Garça da comunidade da pesca.

Não assombra o soterramento condominial do mangue, nem de lá vir a fumaça fétida de fuligem que escapa do trator a aterrar o riacho cujo nome empresta ao bairro. Ao trazerem o termo *morada* associado ao *garça*, as incor-



poradoras imobiliárias parecem tentar estabelecer um tipo de força de fronteira a definir quem deve viver e quais formas possíveis de existências podem permanecer no território (Mbembe, 2019): a morada do paraíso na Garça é ali, por entre muros, arames farpados e cercas eletrificadas, não por entre as raízes do mangue e do movimento das canoas. O manguezal, todavia, é limiar, é passagem entre as vidas das areias finas e os viventes do mar, é abertura de vida que enseja vida no desvio do moderno, que se desvia, que erra. Duas imagens em rota de colisão, pois: o escritório que corre contra o tempo, a pesca que precisa da calma. O vento que sopra no Morada da Garça não é a brisa do mar, mas o vento que sopra do paraíso, do progresso, que se prende às asas da garça impedindo-a de pousar sobre os galhos, sobre as raízes do manguezal soterrado, de pescar peixes sob as espumas do mar. Esse vento tempestuoso arrasta ferozmente a garça para o futuro, soterrando o riacho, expulsando antepassados em cujos corpos estão as ranhuras do tempo no mar, na pesca. Amontoa de tal modo ruínas espalhadas pelo chão, que mar e céu se confundem parecendo uma só imagem.

A brisa que sopra do mar é leve e fresca, contrapondo-se como força diagonal à tempestade do progresso, que impele a colocação de um corpo feito de músculos, de nervos, de sangue diante de um trator, impedindo-o de avançar, cuja ordem de soterramento executa fielmente a liturgia do progresso. Seria um corpo diante de um trator apenas? Ou um corpo em cólera, diante do tempo, agastado com o olhar contemplativo sobre o passado, cujo saudosismo talvez o levasse à embriaguez imobilizante, como nos fala Benjamin (2012a), mas que pode enxergar nele, no passado, a força “para acordar os mortos e juntar os fragmentos” (p. 246), os cascalhos, no cotidiano angular do sal marítimo? É um corpo do escancaro pedagógico para o pessimismo imobilizante à

margem da catástrofe. Corpo que, junto a outros corpos, tece coletivamente, fio a fio, a trama do presente, entretecendo-a pelo emaranhado das raízes do mangue que atravessa as vidas da areia com as do mar.

## Apercebenças e errâncias

O historiador da arte Georges Didi-Huberman, nos vinte e nove fragmentos de texto que compõem o livro *Imagens-Ocasões*, nos apresenta suas apercebenças sobre o mundo. O termo, versão traduzida para o português, faz referência à palavra “*aperçues*”, título da obra em francês. Os fragmentos de apercebença compõem, segundo o autor, “lascas de imagens” e “imagens a galope”, com seus fracos lampejos que passam e nos comovem em meio à escuridão. Nessa construção, Didi-Huberman argumenta que a nossa relação com as imagens deve se dar na mesma sintonia: é necessário que algo também se passe entre aquele que vê e aquilo que vê. É necessário dançar, galopar, botar o corpo pra mover, rompendo as fronteiras entre esses dois polos supostamente divergentes: quem vê e o que é visto. Como ponto de ancoragem, Didi-Huberman (2018) afirmará que, nessa relação, já não mais importa ater-se à descrição seca, concisa e exata daquilo que se vê: “O que conta é a própria dança – dos meus olhares e das minhas frases – com a imagem. É uma questão de ritmo.” (p. 44)

Um galope ritmado, como encontros de corporeidades que se dão na fronteira, nas encruzilhadas. Apercebença fronteira e ritmada com um sensível que se intercepta com o corpo da cidade. Tecido no espaço e no tempo, o corpo nele habita, anima, se desgasta, se despedaça. Torna-se território que experimenta e propicia abertura para passar e ser passagem de marcas e vestígios urbanos. Nessa passagem o corpo se suja, sente um pouco do que dele fica nos lugares e o quanto de lugares



leva consigo: apercebença. Passar pede deslocamento (seja do corpo, seja do pensamento), em que se entrecruzam possibilidades, aberturas, movimentos. O convite torna-se, portanto, nos acercarmos de uma prática intermitente de relação e experimentação com imagens, percepções e políticas de escrita urbanas que nos constituam como sujeitos sensíveis.

Experimentar a cidade: o corpo na cidade, o corpo da cidade. Movimentar-se no rebuliço de seus fragmentos a se chocarem, a se repelirem, a se informarem mutuamente. Animar-se entre diferentes texturas aquosas, cujas densidades constituem formas que se expressam em tudo o que em seus entornos habita: casas, ruas, pessoas, plantas, emoções, passados, encontros. Entre o mar e o rio. São fluxos sensíveis e materiais que derramam um pouco de si, uns nos outros. São tramas de alteridade sobre as quais inelutavelmente nossa “visão se choca sempre” (Didi-Huberman, 2010, p. 30).

As imagens-ocasiões advindas dessas apercebenças urbanas figuram ao corpo que as experimenta tal como vibrações de ondas sonoras a se propagarem, levando consigo os traços e as deformações inevitáveis da imersão nos diferentes espaços da realidade multifacetada. O corpo que suporta chocar-se com elas, é cingido por atritos visíveis e sensíveis, esparramados numa constelação temporal de coisas a sentir: histórias de comunidades que foram ou ainda virão, fragmentos de violência e prazer à luz da lua, desencontro entre desenvolvimento urbano e impacto socioambiental, impossibilidade de uma psicologia individualista que dê conta de acompanhar tais processualidades. Na garça, nos tabuleiros, bancos de praça e *hashtags*, podemos encontrar essas histórias contada no corpo, inscrita no corpo, nas ranhuras, vestígios do existir expostos a “contrapelo” (Benjamin, 2012a).

Crítica contumaz de qualquer representação pacificadora da cidade e daqueles que

a praticam, essas apercebenças esfregadas à contrapelo entrelaçando corpos políticos, como uma espécie de *antídoto* às formas hegemônicas de pensar, de agir e vivenciar o espaço urbano. Com elas, almeja-se denunciar a tentativa de redenção do viver urbano a uma dinâmica espetacularizada, cuja decorrência seria o decaimento da participação popular, entremeado, também ele, pela diminuição da potência da subversão dos corpos, quando não mais podem suportar desigualdades, miséria, violência, extrativismo predatório, destruição de modos de vida tradicionais.

O corpo que se apercebe, por seu turno, também se desordena, despoja-se das predefinições urbanas, no dizer de Paola Berenstein Jacques (2012). Produz para si territórios existenciais cuja dinâmica é errar no jeito de ser, praticar e experimentar a cidade. A partir de uma releitura da experiência benjaminiana (*Erfahrung*), cuja ideia intrínseca de percorrer, de atravessar se vincula à ação da errância, Jacques (2012) destaca na contemporaneidade um processo de esterilização da experiência (busca hegemônica). Processo expresso por meio de uma assepsia da experiência da alteridade na cidade, constituída pelo estabelecimento de falsos consensos, em que a tentativa de ocultação das tensões inerentes a esses espaços responde a uma dinâmica pasteurizante, homogeneizante, neoliberal. A alteridade urbana, assim, resiste, desafia, atua subversivamente no cotidiano das ruas contra o anestésico de uma existência hegemônica. Escapole por entre as fendas abertas no cotidiano.

Nessas apercebenças errantes, atravessamentos sensíveis são possíveis da constituição de subjetividades, de sonhos e de desejo, para além, portanto, da experiência simbólica em si e da imaginação. Sua transmissão e compartilhamento daquilo que vemos e nos olha pode atuar de modo a estremecer “algumas das partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo,

das atuais configurações anestesiadas dos desejos” (Jacques, 2012, p. 11), para assinalar que, ao invés de rendidas à horda neoliberal urbana, as existências que se espriam e debatem contra essas forças também inauguram desdobramentos sujos de mundo, os quais “indicam a compreensão de que no finito (em uma cidade apenas, em uma rua, em um objeto...) possa se dar o infinito” (Rodrigues; Baptista, 2010, p. 425). O que acontece no movimento cotidiano da cidade pode ser pensado mediante uma perspectiva de inconclusividade, de não totalidade, portanto de fragmentárias narrativas: pedaços espalhados, pulverizados pelo tempo, pelo vento, pelas existências.

É, pois, forma de narrar sobre a cidade desde seus vestígios, de seus fragmentos esquecidos, de seus rastros, de seus vazios. Choca-se, portanto, com a noção de rigidez planejadora, e enaltece a não conclusividade das formas, dos usos, das frestas e porosidades da arquitetura. Abre-se à apropriação silenciosa suave com sua transmissibilidade narrativa figurada entremeada “sobretudo com a paixão pela improvisação” (Benjamin, 2012a, p. 150).

As errâncias são um tipo de experiência não planejada, desviatória dos espaços urbanos, são usos conflituosos e dissensuais que contrariam ou profanam, como diz o próprio Agamben, os usos que foram planejados. A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências. Através das narrativas errantes seria possível apreender o

espaço urbano de outra forma, pois o simples ato de errar pela cidade cria um espaço outro, uma possibilidade para a experiência, em particular para a experiência da alteridade. (Jacques, 2012, p. 22-23)

A experiência da diferença, então, almeja produzir imagens e ocasiões que estremeçam, retorçam e provoquem deslocamentos da nossa percepção sobre o mundo. É transitar através de choques temporais com o inusitado, com o inesperado, com o estranhamento. Ver e narrar formas de partilhas contra-hegemônicas do sensível, em que a circunspeção totalizadora do tempo e do espaço expressam um lugar exíguo para a experiência do ver cindido. Movimento corpóreo de pesquisa e de vida que se constitui no simples ato de errar, ambulante, mambembe, escapulindo por entre as brechas e lampejos que fendem na incandescência homogeneizante da cidade planejada moderna. Ou como afirma Luis Antonio Baptista, “tremor da ausência de um suporte, de um corpo fixo, tremor do movimento a recusar o pouso, a representação de algo assentado na clareza da sua identidade. Parecem vibrar na afirmação de que ainda estão vivas, que apesar do cansaço suas histórias não estariam encerradas” (Baptista, 2016, p. 41).

Assim, aquilo que aqui chamamos de apercebenças e errâncias urbanas aparecem como instrumento pujante à experiência no território da cidade imbuída da construção de um campo de afetação com espaço, entrelaçado por atravessamentos em que a simples aparição daquilo que vibra a vida cotidiana possa se dar na aleatoriedade. Isto é sentir e considerar que a vida ocorre no inesperado, no inusitado, no desencontro, perpassada e suportada por uma multiplicidade de sentidos. São pistas de uma vivência sensível, como instância transformadora e abertura para o conhecimento a partir do inusitado, do não previsto, do não programado. Corpo, afeto, emoção, experiên-

cia não ocupam, desse modo, o lugar de secundariedade no ato de pesquisar na/a/com/ sobre nossas cidades.

Portanto, desloca nosso ato de ver e ouvir, movimenta nosso pensamento. Faz, do encontro entre corpo e cidade suporte para a produção de “um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundam, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias” (Canevacci, 2004, p. 15). Errar e aperceber a cidade é fazer do corpo suporte para ouvir, nela, aquilo que pulsa amiúde, a despeito do peso que sobre ela incide. Também aquilo que, no silêncio, maquina outras resistências. Trata-se, dessa maneira, de perder-se em seus sons, estranhar e se reconhecer em seus murmúrios, espasmos, tremores e calafrios.

Os corpos e experiências trazidos nesta narrativa afirmam-se como contadores de histórias perigosas a desafiar o sedutor canto paradisíaco soprado pelos ventos homogeneizantes do progresso. Põem em xeque cidades-massa, cidades-modelo, cidades cartão-postal. Sub-repeticivamente, com distintos “graus de sucesso e fracasso”, sentem, tocam-se, animam-se, suportam. Erráticos, inventam a si mesmos e a cidade que habitam reescrevendo de forma ininterrupta suas histórias. São corpos que suportam e reinventam a trama do cotidiano com a “tapeçaria da existência vivida” (Benjamin, 2012b, p. 38) no espaço, no espanto urbano, em um movimento de reposicionamento de peças que indica “pensar a nossa prática histórica, isto é, como contamos a nossa história e como agimos nela” (Gagnebin, 2013, p. 75), para além da conclusividade, do salvacionismo, do individualismo, da definição selada daquilo que somos.

## Referências

ALENCAR, Ana Paula Acioli de. **A expressão das desigualdades urbanas: análise espacial da distribui-**

ção da infraestrutura na cidade de Maceió, Alagoas. 2007. 196 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2007.

BAPTISTA, Luis Antonio. Silêncio e tempestade no Rio de Janeiro. Insolências da arte à cidade. In: RHEINGANTZ, P. A, PEDRO, R. M. L. R, SZAPIRO, A. M. (Orgs.) Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades. Porto Alegre: Sulinas, 2016. p. 27-48

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única: infância berlinense.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da história.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012a. p. 241-252.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012b. p. 37-50.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito.** Coord. de trad. Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens-Ocasões.** São Paulo: Fulô, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A inelutável cisão do ver. In: **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 2010. p. 29-36

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O banguês nas Alagoas: Traços da influência do sistema econômico do engenho do açúcar na vida e na cultura regional.** Maceió: EDUFAL, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **A criança no limiar do la-**

**birinto.** In: História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 73-92.

HAN, Buyng-Chul. **A expulsão do outro:** sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022

HÜNING, Simone; CABRAL, Rosângela.; RIBEIRO, Maria Auxiliadora T. Nas Margens: Psicologia, Política de Assistência Social e Territorialidades. **Revista Polis Psique**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p 52-69, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2238-152X.86108>

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** Salvador: EDUFBA, 2012.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. **Revista Serrote**, nº 31, São Paulo, 2019.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A outra Independência:** o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editora 34, 2014.

OLIVEIRA, Wanessa. População local impede ofensiva de condomínio “pé de areia” que aterrava riacho e mangue na Garça Torta. **Mídia Caeté**, junho de 2023. Disponível em: <https://midiacaete.com.br/barrando-trator-populacao-local-impede-ofensiva-de-condominio-pe-de-areia-que-aterrava-riacho-e-mangue-na-garca-torta/>. Acesso em 15/10/2023.

PAULON, Simone. Quando a cidade “escuta vozes”: o que a democracia tem a aprender com a loucura. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 21(63), p. 775-786, out. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0845>

PREFEITURA DE MACEIÓ. **Ranking Braztoa confirma Maceió como destino que mais atrai turistas no Brasil.** Online, 2023. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semtur-2/ranking-braztoa-confirma-maceio-como-destino-que-mais-atrai-turistas-no-brasil>. Acesso em: 15/10/2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, modernidade e racionalidade. In: BONILLO, Heraclio (Org). **Los conquistados.** Bogotá: Mundo Ediciones: FLACSO, 1992. p. 437-449.

RAFAEL, Ulisses Neves. Muito barulho por nada ou o “xangô rezado baixo”: uma etnografia do “Quebra de 1912” em Alagoas, Brasil. **Etnográfica**, vol. 14, nº 2, p. 289-310, junho de 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.297>

RODRIGUES, Ana. C.; BAPTISTA, Luis Antônio S. Cidades-imagem: afirmações e enfrentamentos às políticas da subjetividade. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 22, n. 3, p. 422-429, 2010. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300002>

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2014

#MACEIÓÉMASSA. **Espaços criativos.** Online. Disponível em: <https://maceioemassa.com.br/#espacos-criativos>. Acesso em: 15/10/2023.

Recebido em: 15/11/2023

Revisado em: 10/08/2024

Aprovado em: 24/09/2024

Publicado em: 27/09/2024

**Alexandre Jorge Nobre Silva Filho** é mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas. *E-mail:* [ajnobrefilho@gmail.com](mailto:ajnobrefilho@gmail.com)

**Lázaro Batista** é Doutor em Psicologia, pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. *E-mail:* [lazarobatista@palmeira.ufal.br](mailto:lazarobatista@palmeira.ufal.br)

**Elton Silva Ribeiro** é Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. *E-mail:* [elton\\_rb@yahoo.com.br](mailto:elton_rb@yahoo.com.br)